



RELAÇÕES EXTERIORES

Defesa da soberania e outros recados a Trump

Em discurso na ONU, Lula promete combater os inimigos do regime democrático, tanto internos quanto externos. Segundo ele, o pleito de outubro decidirá entre democracia e negacionismo. Presidente enfatiza que Brasil “não cabe no quintal de ninguém”

» ARMANDO HOLANDA
» FERNANDA STRICKLAND

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva usou o discurso de abertura da 81ª Assembleia Geral das Nações Unidas, ontem, em Nova York, para apresentar uma extensa agenda de temas nacionais e internacionais. Em uma fala de aproximadamente 20 minutos, ele defendeu a soberania brasileira, criticou interferências estrangeiras, cobrou mudanças no funcionamento da ONU e fez apelos pela negociação diplomática diante dos conflitos internacionais. Sem citar nominalmente o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, Lula enfatizou — em um de seus principais recados — que o Brasil não aceita ser tratado como área de influência de outra potência. “O Brasil não cabe no quintal de ninguém”, frisou. A reação ocorre em meio ao aumento das tensões entre Brasília e Washington às vésperas das eleições brasileiras.

Ao tratar de democracia, Lula alertou para o risco de interferência estrangeira em processos eleitorais e afirmou que os países precisam ter respeitada sua capacidade de decidir os próprios caminhos políticos.

O tema eleitoral foi associado por Lula à defesa da soberania. Segundo o presidente, a América Latina percorreu um longo caminho para superar regimes de exceção e restaurar a vontade popular, e esse processo não deveria sofrer interferências externas.

Na véspera, Lula havia afirmado que Trump tem o direito de governar os Estados Unidos, mas não de impor sua vontade a outros países. No púlpito da ONU, a mensagem ganhou uma formulação mais ampla, sem que o presidente americano fosse citado nominalmente nos principais trechos sobre soberania.

O chefe do Planalto defendeu que o combate ao crime organizado seja acompanhado por maior cooperação internacional, especialmente para interromper o fluxo de armas e dinheiro utilizado pelas organizações

criminosas. “Não precisamos de porta-aviões vigiando nossas águas, precisamos de cooperação para estancar o fluxo de armas e de dinheiro que abastece o crime organizado”, ressaltou.

O discurso foi interrompido quatro vezes por aplausos da plateia. Os momentos ocorreram quando Lula tratou do reconhecimento do tráfico de africanos escravizados como crime contra a humanidade, defendeu o Tribunal Penal Internacional (TPI), falou sobre soberania e interferência externa e abordou questões relacionadas aos direitos das mulheres e ao feminicídio.

Ao fim, a mensagem central apresentada por Lula foi a de que o Brasil pretende atuar internacionalmente sem abrir mão da soberania nacional, defendendo negociação diplomática, cooperação entre países, preservação ambiental, desenvolvimento econômico e fortalecimento das instituições multilaterais. Veja abaixo os principais trechos do discurso.

Soberania nacional

Um dos principais eixos do discurso do presidente Lula foi a defesa da soberania nacional. Ele afirmou que o Brasil pretende manter relações com os Estados Unidos, mas sem aceitar interferências em assuntos internos. Também relacionou o tema ao processo eleitoral brasileiro e advertiu contra a participação de atores estrangeiros em disputas políticas internas. Segundo Lula, a América Latina vive um momento de recrudescimento de “tentações hegemônicas”. Nesse contexto, defendeu que os países da região tenham parceiros voltados ao desenvolvimento, e não relações baseadas em pressão ou imposição.

Defesa da democracia

Lula afirmou que a democracia voltou a estar “em xeque” e citou a possibilidade de ingerência externa em processos eleitorais. Ao abordar a história recente da América Latina, lembrou os regimes de exceção e o processo de reconstrução das instituições democráticas. A defesa da soberania, portanto, foi apresentada pelo presidente também como defesa da capacidade de cada país de escolher seus próprios governantes sem interferência externa.

Eleições brasileiras

O presidente afirmou que, em 4 de outubro, milhões de brasileiros vão às urnas “para definir o seu destino”. “Não vão apenas eleger o presidente da República, governadores estaduais e representantes do Poder Legislativo. Vão decidir entre democracia e negacionismo, se o Brasil vai avançar rumo a um futuro de mais oportunidades ou regressar a um passado de exclusão.”

Sistema eleitoral

O chefe do Executivo elogiou o sistema eleitoral brasileiro e disse que todos os candidato têm ampla liberdade de expressão. “Não subestimamos o desafio das redes de desinformação que pretendem desvirtuar o debate público durante a campanha, mas possuímos um sistema eleitoral moderno e robusto. Sob o olhar atento de uma cidadania plural e de uma imprensa livre, não permitiremos que os inimigos da democracia, internos e externos, atentem contra a vontade popular.”

Crime organizado

O chefe do Planalto levou à tribuna da ONU também uma questão de segurança interna. Ressaltou que o Brasil está preparado para enfrentar organizações criminosas e disse que trabalhadores, famílias e policiais são vítimas da violência. A estratégia defendida, porém, não seria limitada à atuação dentro das fronteiras brasileiras. Lula propôs cooperação internacional para combater os fluxos de armas e dinheiro que abastecem as organizações criminosas. “Não precisamos

Ricardo Stuckert.



Lula discursa na ONU: “A democracia está novamente em xeque, voltamos a presenciar a ingerência externa em processos eleitorais”

Marco Rubio fica “no vácuo”

Reprodução/YouTube



O presidente Lula deixou o secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, “no vácuo”, ontem, durante a Assembleia-Geral das Nações Unidas. A cena ocorreu após os discursos do chefe do Planalto e do presidente americano, Donald Trump. Rubio tentou se aproximar do petista enquanto o brasileiro deixava o local acompanhado do ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira. O secretário de Estado chegou a acelerar o passo, mas não conseguiu abordar Lula diretamente. Na sequência, dirigiu-se ao chanceler. Rubio é um dos principais críticos à gestão do chefe do Planalto. A relação ganhou novos contornos diante das críticas de integrantes do governo Trump ao Brasil e das acusações, por parte do governo brasileiro, de tentativa de interferência dos Estados Unidos em assuntos internos do país. Lula já demonstrou preocupação publicamente com a atuação de Rubio e com eventuais movimentos relacionados ao processo eleitoral brasileiro. No discurso na assembleia, o presidente defendeu que os rumos políticos do país sejam definidos pelos próprios brasileiros.

de porta-aviões vigiando nossas águas, precisamos de cooperação para estancar o fluxo de armas e de dinheiro que abastece o crime organizado.” Ele citou o Centro de Cooperação Policial Internacional da Amazônia, em Manaus, que reúne autoridades de segurança dos nove países amazônicos. Segundo Lula, durante muito tempo os estados brasileiros atuaram de maneira isolada, situação que teria sido aproveitada pelo crime organizado. A integração entre diferentes autoridades foi apresentada como parte da mudança dessa estratégia.

Sistema Pix

O Pix também apareceu no discurso como símbolo de inclusão

financeira e de soberania tecnológica. “Não vamos ceder às pressões de multinacionais que querem privatizar o nosso Pix”, frisou. Ele apresentou o sistema como uma infraestrutura pública e gratuita que ampliou a inclusão financeira de milhões de brasileiros.

Big techs

Outro bloco do discurso foi dedicado aos efeitos da transformação tecnológica. O presidente destacou que o avanço tecnológico cria oportunidades, mas também riscos que precisam ser enfrentados pelos governos. Ele defendeu a regulamentação das grandes empresas de tecnologia e da inteligência artificial. “Seria uma omissão histórica imperdoável não

enfrentar o desafio da regulamentação das big techs e da inteligência artificial”, frisou. Também criticou a concentração de poder no setor tecnológico e afirmou que empresas não podem transferir às famílias a responsabilidade pelos efeitos de algoritmos.

Apostas on-line

Dentro do mesmo tema, Lula criticou a expansão das plataformas de apostas on-line. Segundo o presidente: “A indústria bilionária das bets transforma o vício em lucro”. Ele afirmou ainda que a disseminação das plataformas estaria contribuindo para o endividamento e para problemas dentro das famílias. “O Brasil não vai tolerar esse modelo de negócio.”

Margem Equatorial

Ao mesmo tempo em que defendeu a agenda ambiental, Lula afirmou que o Brasil continuará explorando suas reservas de petróleo. Destacou a autossuficiência brasileira e mencionou especificamente o potencial da Margem Equatorial. A posição apresentada foi a de combinar exploração dos recursos naturais com políticas de redução das emissões. “Não renunciaremos à agenda ambiental.”

Medidas ambientais

Lula também associou a agenda ambiental às relações comerciais internacionais. O presidente afirmou que o Brasil tem “autoridade moral” para rejeitar medidas protecionistas apresentadas sob o

argumento de proteção ambiental. A mensagem foi de que a preservação ambiental e o desenvolvimento econômico devem caminhar conjuntamente.

Minerais críticos

A transição energética global foi associada por Lula à posição estratégica brasileira em relação aos minerais críticos e às terras raras. O presidente afirmou que o Brasil é uma referência mundial em energia verde e possui recursos importantes para a transformação da matriz energética. Ao mesmo tempo, defendeu que a exploração dessas riquezas gere benefícios dentro do país, como investimentos, tecnologia e desenvolvimento de setores estratégicos. “Nossas riquezas naturais pertencem ao povo brasileiro — e é em benefício dele que serão exploradas.”

Multilateralismo

Ao longo de todo o pronunciamento, o multilateralismo apareceu como uma das principais ideias defendidas por Lula. Ele argumentou que, em um mundo interdependente, os países precisam conciliar seus interesses nacionais com os mais amplos da humanidade. “Ao mundo interdependente, líder é conciliar interesse da pátria com o da humanidade.”

Corrida armamentista

Lula criticou o crescimento dos conflitos armados e afirmou que 2025 registrou o maior número de guerras desde a Segunda Guerra Mundial. Também alertou para o aumento dos gastos militares e para uma nova corrida armamentista. Na avaliação dele, conflitos regionais podem evoluir para uma confrontação de proporções globais. Por isso, defendeu uma reunião dos líderes dos países que integram o Conselho de Segurança para discutir a situação internacional. “A guerra não é a continuação da política por outros meios, é a falência total da política.”

Conselho da ONU

O presidente classificou o atual momento como um dos mais críticos da história recente das Nações Unidas. Segundo o presidente, a credibilidade da organização “nunca esteve tão baixa”, enquanto sua capacidade de proteger populações vulneráveis também estaria reduzida. O principal alvo da crítica foi o Conselho de Segurança. O chefe do Executivo afirmou que o órgão não estaria cumprindo adequadamente seu papel diante dos conflitos internacionais, e retomou uma reivindicação histórica da diplomacia brasileira: a reforma do Conselho de Segurança. O presidente também lembrou que o Brasil já questionava, desde a primeira sessão da Assembleia Geral, em 1946, os efeitos do direito de veto concedido às grandes potências.